

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

MODALIDADE A DISTÂNCIA

VERALÚCIA MARIA DOS SANTOS

**A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL NA REDE PÚBLICA**

JOÃO PESSOA – PB

2013

VERALÚCIA MARIA DOS SANTOS

## **A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE PÚBLICA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia Modalidade a Distância da UFPB como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação.

**Orientadora:** Professora Emilia Barros.

JOÃO PESSOA – PB

2013

VERALÚCIA MARIA DOS SANTOS

## **A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE PÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia a Modalidade de Distância, pela  
Universidade Federal da Paraíba, com requisito institucional para a Conclusão do  
Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Emilia Barros

Profº da UFPB/

(Orientadora)

---

Profº da UFPB/

(Examinador)

JOÃO PESSOA – PB

2013

S237i Santos, Veralúcia Maria dos.

A inclusão de alunos surdos na educação infantil na rede pública  
/ Veralúcia Maria dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2013.  
60f.

Orientador: Emilia Barros  
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)  
– UFPB/CE

1. Surdo. 2. Inclusão. 3. Educação infantil. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

“Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro”.

(Dom Pedro II)

“recuso-me a ser considerada excepcionalmente, diferente. Não sou. Sou surda. Para mim, a linguagem de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que torna excepcional”.

( Emmanuelle Laborit)

Á DEUS, criador do universo, que pela sua imensa misericórdia me deu condições para concluir este curso com grande êxito. Aos meus familiares por terem a paciência e os **meus mestres** por terem mim ajudado a chegar até aqui.

Cordialmente, toda a minha  
gratidão.

**DEDICO.**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu **Senhor Jesus Cristo**, mestre das letras universais, minha eterna gratidão por ser luz guiadora em minha vida.

**Aos meus familiares** que mim apoiaram e foram solidários, que por diversas vezes com amor e dedicação mim compreenderam.

**A todos os professores** da UFPB pela orientação, apoio, incentivo, compreensão e competência durante todo período do curso.

**Aos meus alunos, pais e colegas de trabalho** que supriram a minha ausência em alguns momentos, cooperando com a minha jornada acadêmica.

**A Escola Municipal José Albino Pimentel** a qual abriu as portas mim dando à oportunidade de realizar minha Pesquisa, colaborando sempre para o meu crescimento profissional.

**A minha amiga Fabiana Batista** que mim deu um suporte quando mais precisei.

O meu muito obrigado **à Emilia Barros**, pelo compromisso e dedicação, incentivando, paciência e buscando o saber e o querer conhecer cada vez mais.

**A todos aqueles** que direta ou indiretamente mim ajudaram durante este curso, que transformou minha vida.

## **RESUMO**

O Termo “surdo” é tão abrangente que nos impede de levar em conta os graus surdez imensamente variados. Há os que têm “dificuldades para ouvir”, mais ou menos 15 milhões dentre a população americana, pessoas que conseguem ouvir parte do que se fala com o auxílio de aparelhos auditivos. Há também os “seriamente surdos”, muitos deles vítimas de doenças ou dano no ouvido na juventude; existem também os “profundamente surdos”, que não têm esperança alguma de ouvir qualquer fala. As pessoas profundamente surdas não são capazes de conversar de maneira usual – precisam ler os lábios, usa a língua de sinais ou ambas as coisas.

**Palavras-chaves: surdo, dificuldades, inclusão, Educação Infantil**



## **ABRAST**

The term "deaf" is into so broad that prevents us from taking account the varying degrees deafness immensely. There are those who are "hard of hearing", about 15 million among the American people, people who can hear part of what is said with the help of hearing aids. There are also "seriously deaf", many of them victims of disease or damage in the ear in youth, there are also "profoundly deaf", who have no hope of hearing any speech. The profoundly deaf people are not able to talk in the usual way - need to lip read, use sign language or both.

**Keywords:** deaf, dificultades,

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. BREVE HISTÓRICO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES NA SOCIEDADE.....	10
1.1 LIBRAS NO CONTEXTO SOCIAL .....	12
1.2 LIBRAS NO BRASIL.....	14
1.3 A CAMINHADA DOS SURDOS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO.....	15
1.3.1 legislação que regulamentou a profissão de tradutor e intérprete da língua brasileira e de sinais de libras.....	18
1.4 MITOS QUE ASSOLAVA PAIS E PROFESSORES DE SURDOS “QUE O USO DA LINGUAGEM DE SINAIS DIFICULTARIA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ORAL”.....	20
1.4.1 Dificuldades das crianças surdas na aprendizagem da escrita.....	22
1.4.2 Os surdos apresentam dificuldades na aprendizagem, pois não sabem falar a língua oral.....	24
2. HISTÓRIA DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTERPÉTE DE LÍNGUA DE SINAIS.....	26
2.1 O INTÉRPRETE A VOZ DO SURDO.....	29
2.1.1 O Intérprete e Tradutor de Línguas de Sinais Educacional .....	31
2.2 FORMAÇÃO DE INTERPRETE DE LIBRAS NO BRASIL.....	34
3. METODOLOGICO DA PESQUISA .....	38
3.1 CARACTERÍSTICAS DO CAMPO DE PESQUISA .....	41
3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES .....	56
ANEXOS.....	60

## INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste estudo partiu da necessidade de conhecer o cotidiano e mais especificamente, como as crianças surdas junto com sua estão sendo incluída na educação infantil na rede pública no município do Conde no Sitio Gurugi , a atuação do intérprete de línguas de sinais –LIBRAS junto com a professora neste processo de inclusão.

Como educadora do 2º ano do Ensino Fundamental I, na mesma escola onde realizei a pesquisa percebe a dificuldade para receber alunos deficiência, não que acha má vontade da direção, mas da falta de preparo dos profissionais, que por mais que se esforce. A escola situa-se na zona rural num sítio pequeno não muito populoso a maioria dos habitantes são simples homens do campo que não entendem bem sobre o que é inclusão e ainda rondo certo preconceito com a deficiência.

Nesta perspectiva, os educadores e intérpretes devem trabalhar em prol de uma educação crítica amenizando as desigualdades sociais, estimulando o desenvolvimento ativo do educando, incluindo-o como agente participativo da sua própria história, gerando assim, a ampliação da cidadania e a promoção da inclusão social.

Deixo claro que, como educadora acredito que a educação escolar deve conceber ao homem, e suas diferenças o conhecimento científico respaldado na criticidade como forma de resistência e intervenção contra a exclusão social. Para tanto, faz-se necessária a superação da escola autoritária em face a construção de uma escola democrática que direcione seus educandos para a transformação e a inclusão que os torne sujeitos e não meros expectadores de suas próprias história.

“Educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios, a que o mundo encha de conteúdos... mas sim a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”. FREIRE (1975, p.77)

Ressalto ainda, que a prática pedagógica tem que estar alicerçada na democracia, criando espaços permeados de questionamentos sobre a realidade atual, conflitante, buscando

uma sociedade fundamentada em ideais de igualdade, solidariedade e bem comum, capaz de se contrapor às desigualdades seja ela qual for.

## **1. BREVE HISTÓRICO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS NA SOCIEDADE**

Para termos dimensão do conhecimento que a sociedade tinha sobre a pessoa com deficiência é preciso haver aprofundamento no passado e encontrar na história de diferentes povos resposta para esclarecer. Como os deficientes eram vistos, culturalmente? E em que a sociedade acreditava sobre as diferenças de cada indivíduo? O passado nos responde o comportamento da sociedade atual, pois o passado tem grande influência no presente. Principalmente no sistema educacional que demonstra insegurança para inserir crianças com necessidades especiais.

Há milhares de anos atrás a sociedade apresentava dois pólos de pensamentos bem diferentes como: uma criança com necessidades especiais seria uma obra dos deuses ou dos demônios; ou seria algo bem diferente da esfera supra-humana ou do âmbito do infra-humano.

Os deficientes eram tratados como a vergonha da família e viviam escondidos da sociedade. Na antiguidade quando uma mulher paria um filho com alguma anomalia era deixado para trás, pois prevalecia a lei do mais forte. Tais crianças eram abandonadas sem qualquer sentimento de culpa, pois o que prevalecia era a posição moral da família um filho com alguma diferença das crianças ditas normais tornaria em público que, algo não andava bem com família é como se fosse uma maldição, e aparência era fundamental. Segundo expõe AMARAL (1994, p.14).

Na Idade Média todas as crianças que apresentassem algum defeito eram vistas como demoníacas que tinham parte com Satanás e por isso eram deixadas para trás em pequenas cestas à beira dos rios. Normalmente essas crianças eram resgatadas por pessoas muito pobres e as criavam não por dó, mas para se tornar uma renda, elas eram usadas para pedir esmolas nas ruas. Muitas crianças foram vitimadas por não suportar tantos maus tratos em função dessa visão supersticiosa.

Na Grécia antiga, por exemplo, em uma cidade chamada Esparta quando uma criança nascia com alguma deficiência os pais a levava para um funcionário do Estado para que fosse avaliada se a “robustez” da criança recém-nascida valeria o esforço que sua educação exigiria

caso a resposta fosse negativa, o bebê seria lançado do alto do monte Taigeto local onde era reservado a todos os bebês que nasciam com alguma deficiência que agredisse a estética quase que perfeita dos espartanos.

Até o século XVIII as informações de deficiências eram totalmente ligadas ao misticismo e o ocultismo não, havia base científica para o desenvolvimento de nações realísticas. Foi na Europa que surgiram os movimentos pioneiros para o entendimento dos deficientes, isso também na forma de uma prática educacional.

PLATT (1999, p.25) destaca que na cultura dos esquimós os deficientes passavam por todo um ritual, eles eram lançados para nas áreas fronteiriças do Canadá, onde havia um alto fluxo de ursos (que eram tratados como sagrados) e, dessa maneira eliminavam dois problemas: o da fome de tais animais sagrados e o da tribo, com a não presença do indivíduo indesejado por ser defeituoso em seu meio.

Algumas tribos criam que os maus espíritos habitavam nos deficientes e que através deles adquiriam certa proteção, com essa crença as pessoas deficientes eram protegidas pelos demais membros da tribo, pois enquanto vivem, todos os membros da tribo estavam sobre proteção e os maus espíritos não poderiam fazer mal algum a eles.

Nos povos antigos, como por exemplo, os hebreus, a presença dos deficientes tanto pessoas como animais, eram considerados como uma punição de Deus. As pessoas deficientes nasciam assim por causa dos pecados dos pais que passava até a quarta geração. Há exemplos diferentes, de povos que cuidavam de seus deficientes. Os hindus, sempre consideravam os cegos, pessoas de sensibilidade mais aguçada justamente pela falta de visão, estimulava o ingresso desses deficientes na vida religiosa ao contrário dos hebreus que os deficientes eram mantidos longes das funções religiosas.

E muitos outros povos tratavam os deficientes de forma sobre humana, havia muito sofrimento, preconceito não bastava às limitações de sua deficiência. Hoje a sociedade está sendo adaptada para atender melhor a cada deficiência, porém a caminhada ainda é grande e cheia de obstáculos para as pessoas que têm limitações seja visual, auditiva, física ou mental.

## 1.1 LIBRAS NO CONTEXTO SOCIAL

A linguagem é um instrumento de excelência para a comunicação entre os seres humanos, seja falada ou gesticulada. A linguagem falada desenvolve-se por etapas isso quando ao indivíduo é ouvinte. Para o surdo a comunicação vem através de gestos a princípio caseiros. Mas para entendermos melhor a existência da cultura surda é necessário aprofundar-se a tal conhecimento deixando de lado o preconceito e abrindo-se à diversidade. Conhecer a história e as filosofias educacionais para os surdos é um dos passos essenciais para analisarmos com critérios as consequências de cada filosofia no desenvolvimento de cada criança.

Mediante persistência e dedicação dos surdos, que foi reconhecida, pela Nação Brasileira a Língua Oficial da Pessoa Surda, com a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2002.

A conquista deste direito traz grande impacto significativo na vida social e política da nação brasileira. O provimento das condições básicas e fundamentais de acesso a Libras se faz indispensável. Requer o seu ensino, a formação de instrutores e intérpretes, a presença de intérpretes nos locais públicos e a sua inserção nas políticas de saúde, educação, trabalho, esporte e lazer, turismo e finalmente o uso de Libras pelos meios de comunicação e nas relações cotidianas entre pessoas surdas e não surdas.

Atualmente o governo desenvolve programas como “Interiorizando Libras” que tem como apoiar e incentivar formação de profissional, surdos e ouvintes, de cidades brasileiras para aprendizagem e a utilização da língua brasileira de sinais em sala de aula, como língua de instrução e como componente curricular.

De acordo com Vitaliano, Dall’Acqua e Brochado (2010, p.7) também reforçam que:

O processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular exige uma reforma geral na organização dos sistemas de ensino, em especial para o atendimento dos alunos surdos emerge a necessidade dos professores dominarem minimamente a Libras.

O MEC tem se engajado nesta luta onde esta apoiando o processo de formação de professores e de instrutores de libras para atuar na educação escolar garantindo o respeito, à diferença, à diversidade sócio-cultural. O Governo Federal expõe sua preocupação em melhorar às condições de vida para os deficientes quando oferece educação para todos e com a inclusão social das pessoas deficientes. Essa ação demonstrar uma pequena vitória de uma batalha conquistada pelos deficientes auditivos, mas há varias batalhas a serem desbravadas para os Deficientes vencerem a guerra.

Espera-se que cada município deste país, em ampla articulação entre os governos Municipal, Estadual e Federal, entre os três Poderes e entre o Poder Público, Igrejas, ONGS e principalmente em parceria com as associações de surdos tornem a Libras uma língua presente na sociedade.

## 1.2 LIBRAS NO BRASIL

A língua brasileira de sinais é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira.

Como uma língua percebida pelos olhos, a língua brasileira de sinais apresenta algumas peculiaridades que são normalmente pouco conhecidas pelos profissionais.

Eduard Huet surdo Frances veio para o estado do Rio de Janeiro em 1855, o mesmo teve apoio de Dom Pedro II, para fundar o Instituto para Surdos, assim fundou o na data de 26 de setembro de 1857 Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos). Eduard Huet ensinou os surdos brasileiros através da Língua de Sinais Francesas, misturando-a com Língua de Sinais usada no Brasil para os surdos (Moura 2000). O mesmo foi considerado o introdutor da Língua de Sinais Francesa no Brasil e em 1861 que Huet deixou a direção do Instituto por problemas pessoais.

No início do ano de 1857, os surdos brasileiros aprenderam libras. Quando se formavam no Instituto, os surdos retornavam às suas cidades e ensinavam-na. Dessa forma a Libras foi se espalhando por todo o Brasil.

As primeiras escolas de surdos foram fundadas no Brasil com Instituto Santa Tereza, e o Centro de Audição e Linguagem “Ludovico Pavoni” (CEAL/LP).

No Brasil ainda há grande escassez de escolas na educação infantil como no ensino fundamental, especializadas para crianças surdas. Com a inclusão dessas crianças surdas nas escolas regulares faz-se necessários a existência de Libras em sala de aula, com um intérprete de Libras e um espaço especializado para atender as necessidades de crianças com deficiência auditivas. Existe um documento “A educação que nós surdo queremos” que foi desenvolvido a partir da união da comunidade surda pela luta de uma melhor educação. A LDB também trata a Educação Especial de uma forma responsável.

De acordo com capítulo V da LDB que trata a educação especial da seguinte forma:

Art. 58 - Entende-se por educação especial, para os efeitos dessa Lei, a modalidade de educação escolar, oferecimento preferencial na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º- Haverá , quando necessário , serviços de apoio especializados, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º o atendimento educacional será feito em classe, escolas, serviços,especializados , sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. ( BRASIL , 1996 ,p.

E ainda o artigo 60 da LDB do parágrafo único fala que:

Parágrafo único. O Poder Público adotará como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independente de apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL, 1996)

Os surdos e todos os deficientes estão acobertados pela lei que os garantem respeito para com sua deficiência, pois são cidadãos brasileiros merecem serem respeitados e viver com dignidade.

### 1.3 A CAMINHADA DOS SURDOS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR AVANÇO NA LEGISLAÇÃO



Foi a partir do século XVI, período considerado como modernidade, que surge os primeiros educadores de surdos. O monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1548), foi um importante educador além de fundador de uma escola de professores de surdos. Utilizava a datilologia-representação manual das letras do alfabeto, a escrita e a oralização como método de ensino.

O século XVIII foi considerado o melhor período na educação dos surdos pelo aumento de escolas e do ensino de línguas de sinais. Os surdos podiam aprender e dominar diversos assuntos, bem como assumir várias profissões. Destacou-se na época, o abate francês Charles Michel de L'Epeé (1750), que criou os “Sinais Metódicos” uma combinação de língua de sinais com gramática francesa. Este educador transformou sua casa em escola pública.

E a educação para os surdos continuou evoluindo ainda tímida. No século seguinte, nos Estados Unidos, Thomas Hopkins e Laurent Clerc (1815) unem o léxico da língua de sinais com a estrutura da língua francesa adaptando para o inglês, em 1815. Disto surgiram os primeiros esboços da comunicação total. Em 1864 foi fundada a primeira universidade para surdo em homenagem ao pesquisados.

Foi a partir 1860 que, o oralismo vem com grande influência assim aumentando à oposição a língua de sinais. 1880 em um grande Congresso Educacional de Professores de Surdos na Itália ficando assim decidido que a língua de sinais seria proibida o que provocou uma reviravolta da educação de surdos, os professores surdos foram impedidos de usar da democracia e escolher seus representantes.

A partir desta publicação várias pesquisas sobre a língua de sinais e sua aplicação na educação e na vida do surdo, que unida a uma grande insatisfação por parte dos educadores dos surdos, com o método oral, deram origem na utilização à utilização de línguas de sinais e de outros códigos manuais na educação de crianças surdas (GOLDFELD,2001, p. 28).

No Brasil ficou detectado a convivência das três principais abordagens pedagógicas, em divergências sempre existiram- oralismo, comunicação total e bilinguismo. A educação para surdo teve início no segundo império quando D. Pedro II trouxe o professor surdo Frances Hernest Huet. Em 1857 foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos (atual

Instituto Nacional de Educação De Surdos – INES). Em 1911 ficou estabelecido o oralismo puro, contudo, de forma marginalizada, outras filosofias penduraram.

O ideal nas escolas de ouvintes é que as mesmas se preparem para dar aos alunos surdos aulas pela língua de sinais, através de recursos visuais, língua portuguesa escrita e leitura, a fim de desenvolver nos alunos memória visual e hábito de leitura; que recebam apoio de professores especialistas conhecedor de língua de sinais, enfim, proporcionar intérpretes de língua de sinais, para maior acompanhamento das aulas. Outras possibilidades é contar com ajuda de professores instrutores e monitores surdos para que ajudem o professor e trabalhem com a língua de sinais nas escolas.

De acordo com o a Lei de Diretrizes e Bases as escolas regulares têm por obrigação matricular crianças com qualquer deficiência seja auditiva, visual, intelectual ou física, porém muitas das escolas não têm condições para acolherem as crianças ou jovens, faltam profissionais especializados e capacitados para trabalharem com cada deficiência, professores precisam ter capacitações para ministrarem aulas de forma clara para que os mesmos venham ter um desenvolvimento satisfatório. É obrigação do governo adaptar as escolas para receberem os alunos surdos ou com qualquer outra deficiência.

A LDB no art. 59 Capítulo V assegura que:

ART.59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender as suas necessidades;

III- professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimentos especializados, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. ( BRASIL, 1996 )

Por tanto, vale ressaltar que o objetivo da inclusão de deficientes na sociedade não é apenas incluir crianças ou jovem nas instituições de ensino e sim proporcionar condições para que os mesmos possam desenvolver suas atividades e o seu papel como qualquer outro cidadão.

Em decorrência da Conferência Mundial sobre os Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial que aconteceu na Espanha na cidade de Salamanca, foi elaborada a Declaração de Salamanca, esse evento reuniu noventa e dois países e vinte e cinco organizações internacionais, a finalidade de tal reunião foi conscientizar os governos e as organizações participantes de que, todas as crianças sejam aceitas nas diversas práticas educacionais, independentemente de suas condições intelectuais, físicas, emocionais, sociais ou quaisquer outras. Assim, a Declaração Salamanca trouxe ao mundo uma chance de transformar a sociedade antes alienada e presa a uma visão preconceituosa de que crianças com alguma deficiência não poderiam participar da sociedade como um cidadão ativo e democrata. Tal documento é considerado mundialmente e é um dos mais importantes que envolve educação especial.

A Declaração de Salamanca proclama no art. II que:

\*cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem,

\*cada criança tem característica de interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhes são próprias,

\*os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades,

\*as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem adequar através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,

\*as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, orais criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos: além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promove a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo. (ESPANHA, 1994)

Os surdos precisam ter conhecimento das leis que lhes garante viver na sociedade como cidadão e não aceitar o que pessoas preconceituosas muita das vezes por ignorância, ferem seus direitos. Só assim poderão questionar e não aceitar o descumprimento da lei.

### **1.3.1 Legislação que Regulamentou a Profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira e de Sinais de LIBRAS**

O Interpretre de língua de sinais antes não era reconhecido como profissão, porém foram surgindo à necessidade em alguns estados brasileiros de regulamentar a situação de profissional interprete de língua de sinais. O estado do Rio grande do sul deu inicio a uma capacitação para seus profissionais no ano de 1997 através de cursos certificados pela FENEIS/RS e pela UFRGS. Com atuação dos intérpretes de línguas de sinais neste estado, surgiu a necessidade de regulamentação para atuação de intérpretes.

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais (PCNs):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação, social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informações, expressa e defende pontos, de vista, partilha ou constrói visões de mundo produz conhecimento.

Portanto os surdos não poderiam se comunicar com os ouvintes se não houvesse os intérpretes de línguas de sinais, isso nós mostra a importância que os intérpretes têm na vida dos surdos, por isso é de suma importância a regulamentação de intérprete e o tradutor de língua de sinais serem reconhecidos como profissionais diante a constituição e a sociedade. Em 01 de setembro de 2010 foi sancionado pelo Presidente da Republica Luiz Inácio Lula da Silva a lei que regulariza o Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS.

De acordo com a Lei Nº 12.319, de Setembro de 2010. “PRESIDENTE DA REPUBLICA” Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei”:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e Intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação de Libras e da língua portuguesa.(BRASIL,2010)

Fica ainda sancionado que:

art. 7º o intérprete deve exercer suas profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I- pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III- pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV- pelas postura e conduta adequada aos ambientes que frequenta por causa do exercício profissional;

V- pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI- pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

ART. 10. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de setembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.  
(BRASIL,2010)

O intérprete e tradutor de língua de sinais – (LIBRAS) ainda não são bem valorizados, principalmente no Brasil, pois o piso salarial é baixo, os concursos oferecem poucas vagas e ainda há muitos professores que vêem os intérpretes educacionais com um intruso e o discrimina por estarem dentro das salas acompanhando alunos surdos.

#### 1.4 MITOS QUE ASSOLAVA PAIS E PROFESSORES DE SURDOS “QUE O USO DA LINGUAGEM DE SINAIS DIFICULTARIA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ORAL”.

Houve uma época na história da educação dos surdos que a Língua de Sinais tinha ampla valorização e aceitação, mas a partir de Milão de 1880, a Língua de Sinais foi banida completamente da educação de surdos, impondo ao surdo o oralismo. Devido à evolução

tecnológica que facilitava a prática da oralização pelo sujeito surdo, o oralismo ganhou força a partir da segunda metade do século XIX.

A modalidade oralista baseia-se na crença de que a língua oral é a única forma possível de comunicação e desenvolvimento cognitivo para o sujeito surdo e a Língua de Sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização, porém várias pesquisas já demonstram que a maioria dos surdos só consegue ler 20% da mensagem através da leitura labial, perdendo a maioria das informações. Geralmente os surdos “deduzem” as informações através do contexto em que as palavras são ditas. (SOUZA, 1998, p. 92)

Na década de 60, foi proposto o uso simultâneo da língua dos sinais associada com a oralização, sugerido o modelo misto denominado de Comunicação Total havendo um início de reconhecimento e valorização da Língua de Sinais, a qual foi muito oprimida por mais de 100 anos.

Muitas pessoas por desinformação pensam que a língua de sinais é composta por gestos que tem como finalidade a interpretação da língua oral. Porém os pesquisadores lingüísticos atribuíram a LIBRAS o status de língua por entenderem que esta apresenta características semelhantes às outras línguas, como as diferenças regionais, sócio-cultural e sua própria estrutura gramatical bem elaborada (OLIVEIRA, 2009, p.128).

Um mito comum é o de que o aprendizado de uma língua de sinais atrapalharia o surdo que quer ser oralizado, muito pelo contrário, uma língua de sinais ajuda o surdo que quer ser oralizado. Isto porque a oralização é um processo de aprendo formal, como é o aprendizado de uma segunda língua. São necessários profissionais e exercícios lingüísticos. Eles conseguem ser oralizado sem qualquer tipo de instrução formal, bastando, para isto, a sua inserção em um ambiente no qual seja falada uma língua de sinais. Aprender uma língua de sinais não vai atrapalhar a oralização, mas vai porque irá aprimorar o desenvolvimento intelectual, cognitivo do indivíduo, ou língua oral quando criança, seu aprendizado será artificial e mais demorado, o que pode prejudicar seu desenvolvimento lingüístico. Além disso, a oralização também está sujeita a alguns problemas já que, muito dificilmente, um surdo profundo consegue falar tão bem quanto um ouvinte e a compreensão de línguas por leitura labial também é limitado (FORESTER.2004, p. 103).

Hoje se sabe que o surdo adquire a língua de sinais com sua língua materna, possuindo singularidades em diversos aspectos sócio-culturais, interpessoais e cognitivos. Sendo assim, a língua materna de uma criança surda dá-se de acordo com o meio em que esta convive. Se a criança surda numa família de pais surdos, a língua materna desta criança constitui-se em LIBRAS e ela terá maior facilidade para se tornar um bilíngüe. Já para a criança surda de pais ouvintes, a língua materna dela passa a ser língua portuguesa e de LIBRAS, impedindo que esta se torne um ser bilíngüe com mais facilidade. (LEIBOVICI, 1997, p.52)

Quanto mais cedo o surdo for exposto a LIBRAS, muito mais cedo ele poderá desenvolver as suas habilidades na Língua Portuguesa. Portanto, para que o surdo desenvolva a Língua Portuguesa é necessário que ele tenha aprendido e consolidado a Língua de Sinais respeitando e consolidando a Língua de Sinais. Esse respeito, SACKS, 1990 apud RODRIGUEIRO, 2000 defende que:

“Se as crianças surdas não são expostas, bem cedo, à boa linguagem ou comunicação, pode haver um atraso (até mesmo uma interrupção) da maturação cerebral, com uma continua predominância dos processos de hemisfério direito e uma falta de “transferência” hemisférica. No entanto, o que parece importante destacar é a importância de estimular o surdo para o aprendizado das duas línguas, dando a elas o seu devido grau de importância e preponderância na vida dos surdos.” ( SACKS,1990APUD RODRIGUEIRO,2000)

No entanto, o que parece importante é o estímulo para o aprendizado das duas línguas, dando o seu devido grau de importância e preponderância na vida dos surdos. Pesquisas já mostram que se o indivíduo surdo ficar privado de um contato lingüístico suficiente para desenvolver a aquisição da linguagem na infância, quando adulto, ele terá muita dificuldade para aprender uma linguagem, e nunca aprenderá tão bem quanto alguém que aprendeu no período certo. Por isso, é importante que possa desenvolver planamente sua capacidade lingüística. (FOSTER, 2000)

#### **1.4.1 Dificuldades das Crianças Surdas na Aprendizagem da Escrita**

As crianças surdas apresentam grandes dificuldades na aprendizagem, não pelo fato de ser surda, a língua de quem está transmitindo o conhecimento é diferente. Já confirma (GÓES, 2002, p.12) “O surdo apresenta limitações nas interações sociais para aprendizagem, as quais se tornam difíceis, não pela surdez, e sim, pela falta de língua comum entre o locutor e interlocutor”. Não podemos ver o surdo como um ser incapaz, por causa de suas limitações, sabemos que os deficientes auditivos são capazes de exercer varias funções na sociedade com o ouvinte. Com o surdo não será diferente, pois ele não apresenta limitações afetivas pertencentes à surdez. O que incentivar ao deficiente auditivo a expor modificações lingüísticas- comunicativas.

De acordo com a afirmação (VYGOTSKY, 1993 apud GÓES, 2002)

“O surdo necessita ser participante de sua cultura para ter a possibilidade de construir sua subjetividade, ou seja, ele deverá ter interações interpessoais própria, eficaz e produtiva, as quais proporcionem a ampliação de seus conhecimentos. A partir dessa possibilidade de interação, percebe-se que a surdez não limita o acesso a qualquer tipo de linguagem ( LIBRAS e língua portuguesa oral)”(VYSGOTSKY,1993 apud GÓES,2002).

Ao adquirir a linguagem escrita, os surdos enfrentam dificuldades, tais dificuldades sua convivência no meio social, pois leva a sociedade a vê-los com poucas possibilidades de se integrar a um grupo o qual acredita a impossibilitado de troca de informações lingüísticas. Dessa maneira o surdo fica visto com uma pessoa diferente e muitas das vezes são excluídos de grupos sócios, já que fica difícil a comunicação entre surdo e ouvintes que não domina a língua de Sinais Brasileira – LIBRAS.

Segundo (FERNANDES, 2003)

“O aprendizado da escrita pelo surdo é dificultado, devido às metodologias de ensino partir do ponto de que a escrita inicialmente se dá pela associação grafema-fonoma e, muitas vezes, ser ensinada de forma descontextualizada e mecânica. Essa mentalidade torna difícil a criação de uma proposta mais efetiva para o ensino da língua portuguesa escrita, ficando o surdo restrito ao pouco desenvolvido em relação à sua grande potencialidade para a escrita.” (p. 253)



As dificuldades da aprendizagem dos surdos se dão principalmente pela falta de preparo do professor impossível ter sucesso na transmissão do conteúdo sem nem mesmo um conhecimento prévio da comunicação utilizada para os surdos.

Assim afirma (GÓES, 2002)

“Que os professores não apresentam não um objeto amplo no que diz respeito ao desenvolvimento lingüístico-cognitivo do surdo, enfatizando, na maioria das vezes , a utilização correta das regras sintáticas, semânticas e morfológicas da língua, o que , num primeiro momento, não é o mais importante . A metodologia de ensino da língua portuguesa escrita para os surdos na maioria das vezes, aliada ao despreparo dos professores com a língua de sinais – LIBRAS”.(p. 120)

Mais um obstáculo que impede a aprendizagem dos surdos é a defasagem dos requisitos como (o extenso vocabulário, experiência de mundo, incomplexidade de socialização e interação) fundamental na ingressão escolar, já que ocorre uma transmissão de dificuldades da linguagem oral para a escrita, pois uma depende da outra, sabendo que quando uma criança surda ingressa na escola na educação infantil, ela sofre grande impacto lingüístico, além de começar a se relacionar com uma grande diversidade de pessoas, cultura, lugares, mundo, e poderão restringir-se a adquirir novos conhecimentos propícias interações.

#### **1.4.2 Os surdos Apresentam Dificuldades da Aprendizagem Porque Não Sabem Falar a Língua Oral**

Os surdos criam hipóteses de escrita, assim como os ouvintes. As primeiras hipóteses são muito parecidas. As crianças ouvintes começam a escrever usando as letras do nome próprio. As crianças surdas, também. Só que as hipóteses dos surdos vão visuais e não aditivas. As crianças surdas, assim como as ouvintes ,vão chegar à escrita alfabética, mas a sua relação com a escrita se dará por meio da visão. O processo é muito mais demorado do que

com os ouvintes porque elas estão entrando em contato com a Língua portuguesa pela primeira vez.

O que é muito complicado trabalhar é os sons a criança na educação infantil aprende pela repetição e o que escuta então trabalhar o som das letras é o maior problema enfrentado pelas professoras na educação infantil. Muitas vezes as crianças surdas acabam decorando a letra ordem das letras e não aprendem de fato.

A Criança ouvinte com escutar aprende mais rápido já a surda enfrenta bastante dificuldade. Ai vem à rejeição das crianças ouvintes pelas surdas e a dificuldade da professora que não esteja qualificada para lhe dar com crianças surdas. De acordo com (GESSER, 2006)

A escrita é uma habilidade cognitiva que demanda esforço de todos geralmente é desenvolvida quando se recebe instrução formal. Entretanto, o fato de a escrita ter uma relação fônica com a língua oral pode e de fato estabelece outro desafio para o surdo: reconhecer uma realidade fônica que lhe é familiar acusticamente. (p.56)

Certamente para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do surdo, seria um aprender Língua de Sinais – LIBRAS com outro surdo adulto, sua família também aprender LIBRAS e o surdo ter a possibilidade estudar em uma escola, que tenha como base educacional, o bilingüismo. Dessa forma o surdo tornna-se-ia um individuo lingüístico capaz de realizar uma leitura do mundo de forma que o levasse a questionar e refletir , adquirindo estabilidade para o aprendizado de uma segunda língua.

O fracasso escolar também contribui para o insucesso da aprendizagem dos surdos a falta de profissionais qualificados para trabalhar com surdo

## **2. BREVE HISTÓRICO DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTERPÉTE DE LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO E NO BRASIL**

A profissão dos intérpretes e tradutores de língua de sinais se deu a parti de atividades voluntárias que com o passar do tempo foram sendo valorizadas enquanto atividades laborais na medida em que os surdos foram conquistando o exercício de ser cidadão.

A participação ativa dos surdos em movimentos sociais deu o “ponta pé” inicial para o reconhecimento das profissões de intérprete e tradutores de línguas de sinais.

Não foi apenas no Brasil que tal acontecimento começou a ser notado, na Suíça a presença de intérpretes da língua de sinais se deu em trabalhos religiosos por volta do final do século XIX, (Suécia, 1875).

Foi no ano de 1938, que o parlamento sueco criou cargos de conselheiros para surdo e que imediatamente não conseguia atender a demanda da comunidade surda que a cada dia aumentava então resolveram tomar uma atitude em relação ao fenômeno. Alguns anos após em 1947, mais 20 pessoas assumiram a função de intérprete e isso chamou atenção do parlamento algo deveria ser feito para regularizar a situação dos intérpretes e dos tradutores de línguas de sinais sueca. Mas ainda demorou bastante tempo, foi aí que no ano de 1968, por uma decisão do Parlamento, todos os surdos teriam acesso ao profissional intérprete livre de encargos diante de reivindicações de Associação Nacional de Surdos. Neste ano, também foi criado o primeiro curso de treinamento de intérprete na Suécia organizado pela Associação Nacionalidade Surdos, junto à Comissão Nacional para Mercado de Trabalho. De acordo com (QUADRO, 2007, p.14) “Em 1981, foi instituído que na Suíça cada conselho municipal deveria ter uma unidade com intérprete de línguas de sinais”.

Nos Estados Unidos tal fato aconteceu no ano de 1815, através de Thomas Gallaudet era intérprete de Laurent Clerc (surdo francês que estava nos Estados Unidos para promover e se dedicar a educação de surdos).

Ao longo dos anos, pessoas intermediavam a comunicação para surdos (normalmente vizinhos, amigos religiosos) como voluntários utilizando uma comunicação muito restrita.

Em 1964, foi fundada uma organização nacional de intérpretes para surdos (atual RID), estabelecendo alguns requisitos para atuação do intérprete.

Em 1972, O RID começou a selecionar intérpretes oferecendo um registro após avaliação. O RID apresenta, até os dias de hoje, as seguintes funções: selecionar os intérpretes, certificar os intérpretes qualificados; manter um registro; promover o código de ética; e oferecer informações sobre formação e aperfeiçoamento de intérpretes.

A presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos iniciaram por volta dos anos 80. As igrejas quem começaram a reconhecer a importância de intérpretes para os surdos. Foi realizado 1988, o I Encontro Nacional de Intérpretes de Línguas de Sinais organizado pelo FENEIS que propiciou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil e a avaliação sobre a ética profissional intérprete.

Em 1992, realizou-se o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais , também organizado pela FENEIS que promoveu o intercâmbio entre as diferentes experiências dos intérpretes no país, discussões e votação do regime interno do Departamento Nacional de Intérpretes fundado mediante a aprovação do mesmo. De 1993 a 1994, realizaram-se alguns encontros estaduais . A partir dos anos 90, foram estabelecidas unidades de intérpretes ligadas aos escritórios regionais da FENEIS. Em 2002, a FENEIS sedia escritórios em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Brasília e Recife, além da matriz no Rio de Janeiro. Ainda em 2000, foi disponibilizada a página dos intérpretes de línguas de sinais [www.interpretels.hpg.com.br](http://www.interpretels.hpg.com.br). Também foi aberto um espaço para participação dos intérpretes através de uma lista de discussão via e-mail. Esta lista é aberta para todos os intérpretes interessados pode ser acessada através da página dos intérpretes.

No dia 24 de abril 2002, foi homologada a lei federal que reconhece a língua brasileira de sinais como língua oficial das comunidades no processo de reconhecendo a formação do profissional intérprete da língua de sinais no Brasil, bem como, a abertura de várias oportunidades no mercado de trabalho que são respaldadas pela questão legal. A seguir consta a transcrição desta lei:

LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outra providência

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faz saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º é reconhecida como meio legal a comunicação e expressão a língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, como estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos , oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art.2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresa concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua de Sinais-Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunicações surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviço públicos de assistência à saúde devem garantindo atendimento e tratamento adequado aos deficientes auditivos , de acordo com as normas legais em vigor.

Art.4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial , de fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino de Língua Brasileira de Sinais –Libras , como parte integrante do Parametros Curriculares Nacionais –PCNs, conforme legislação vigentes.

Paragrafo único . A língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art.5º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasilia , 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

A luta dos intérpretes tradutores de língua de sinais e da comunidade dos surdos ainda continua é preciso que ajam mudanças nas leis para melhorar as condições de vida dos surdos. Desde que a raça humana existe que há comunicação, seja por meio de desenhos nas cavernas como as pinturas rupestres, pela fala, por gestos caseiros ou por sinais utilizados para o s surdos a línguas de sinais-LIBRAS. É direito do ser humano a comunicação. Um surdo no meio de uma conversa de ouvintes sem intérprete é como se um brasileiro estivesse no Japão e não soubesse falasse o idioma japonês sem um tradutor estaria totalmente perdido, assim se sente um surdo no mundo perdido

## 2.1 O INTÉRPRETE A VOZ DO SURDO

Muitos acreditam neste mito que diz o interprete de LIBRAS é a voz do surdo . Isso não é verdade. O intérprete de línguas de sinais tem como função facilitar a comunicação e compreensão de uma cultura para a outra. O intérprete é um intermediário entre os dois mundos: Ouvintes e surdos. Tanto interpretam para os ouvintes o que os surdos estão dizendo e vice-versa. Pra tanto, para se tornar um intérprete de línguas de sinais, é necessário conhecer LIBRAS e ter uma boa convivência com a cultura surda.

A figura da intérprete ocupa importante papel nas interações entre surdos e ouvintes e configura-se como um direito em espaços institucionais como universidades, escolas e repartições públicas.

O intérprete é a pessoa em que o surdo mantém extrema confiança, tanto profissional como pessoal. Devendo ser uma pessoa íntegra e cumprir somente com o seu papel de interpretar priorizando sempre em sua prática a ética, independente de seus conceitos e valores pessoais deverá sempre interpretar em locais ou grupos. Deverá manter sigilo quando for acompanhar o surdo não devendo revelar seu nome e o local onde foi designado para atuar.

O intérprete por ser o mediador do surdo e do ouvinte deverá manter sempre sua neutralidade diante de qualquer situação. Deverá sempre estar se aprimorando, se possível, frequentando cursos de capacitação e outros eventos que venham colaborar para o seu aperfeiçoamento profissional e na aquisição de conhecimentos sobre a cultura surda. Ele precisa ter expressão facial para que o surdo possa entender melhor a situação e, principalmente, ter postura, ou seja, não atuar de forma exagerada com intuito de chamar atenção.

Ao longo dos anos, as pesquisas interdisciplinares sobre surdez e sobre as línguas de sinais, realizadas no Brasil e em outros países, tem contribuído para a modificação gradual da visão dos intérpretes, compartilhada pela sociedade ouvinte em geral.

Esses estudos têm classificado os surdos em duas categorias:

\*Os portadores de surdez patológica, normalmente adquirida em idade adulta;

\* E aqueles cuja surdez é um traço fisiológico distintos, não implicando, necessariamente congênito.

No caso de surdos que dominem apenas a língua de sinais, o fato de integrarem um grupo lingüístico-cultural distinto da maioria lingüística do seu país de origem, equipara-os a imigrantes estrangeiros. Porém, o fato de não disporem dos meios de recepção da língua oral, pela audição, coloca-os em desvantagem em relação aos imigrantes, com respeito ao aprendizado e desenvolvimento da influência nessa língua.

Essa situação justifica a necessidade da mediação dos intérpretes em um vasto número de contextos e situações do cotidiano dessa pessoa. Ainda que faça uso da leitura labial, o surdo sinalizado por ter dificuldades de compreender a língua oral, visto que, essa técnica o habilita, quando muito, a perceber apenas os aspectos articulatórios da fonologia. Daí sua enorme necessidade de mediação do intérprete de línguas de sinais.

### **2.1.1 O Intérprete e Tradutor de Língua de Sinais Educacional**

O intérprete educacional age como profissional intérprete de línguas de sinais nas instituições de ensino. É a área de interpretação mais solicitada atualmente. Na verdade, essa procura também é observada em outros países.

De acordo com STEWART, D AT ALLI, 1998,

“Nos Estados Unidos, em 1989, estimava-se que de línguas de sinais estivessem atuando nos níveis da educação elementar no ensino secundário (...) atualmente, mais de um terço dos graduados nos cursos de formação de intérpretes são empregados em escolas públicas. Mais da metade dos intérpretes estão atuando na área da educação.”p.15

Levando em conta as escolas brasileiras que têm surdos matriculados em diferentes níveis de escolarização, é impossível manter as exigências legais que determinam o acesso a permanência do aluno na escola observando-se suas especificidades sem a presença de intérpretes de língua de sinais. Assim, faz-se necessário investir na especialização de profissionais de língua de Sinais da área da educação como também em toda comunidade escolar, desde porteiro até a direção, investindo nos recursos didáticos, formando uma equipe com fonoaudiólogo e psicólogo

O intérprete especializado para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades deste profissional não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula. Muitas vezes, o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos surdos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam a travam

discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não como o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete, por sua vez, se assumir todos os papéis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também, acaba por confundir o seu dentro do processo educacional, um papel que está sendo constituído. Vale ressaltar que ser intérprete está atuando na educação infantil, mais difícil torna-se sua tarefa. As crianças mais novas têm mais dificuldades em entender que aquele que está passando a informação é apenas um intérprete, é apenas aquele que está intermediando a relação entre o professor e ela.

Diante destas dificuldades, algumas experiências têm levando à criação de um código de ética específico para intérprete de língua de sinais que atuam na educação. Em alguns casos, ao intérprete de língua de sinais é permitido oferecer feedback do processo de ensino-aprendizagem ao professor, por exemplo. Se esta possibilidade existe, poder-se-ia prever que o intérprete assumiria a função de tutoria mediante a supervisão do professor, o que em outras circunstâncias de interpretação não seria permitido. No entanto, isso poderia gerar muitos problemas... Os intérpretes-tutores deveriam estar preparados para trabalharem com o ensino, eles deveriam ser professores, além de serem intérpretes. E se estiverem assumindo a função de professores, porque estariam sendo contratados como interprete? Considerando tais questões, poder-se-ia determinar que o intérprete assuma somente a função de intérprete que já se basta e caso seja requerido um professor que domine línguas de sinais que este seja contratado com tal.

Em [http:// www.deafmall.net/deaflinx/useterp2.html](http://www.deafmall.net/deaflinx/useterp2.html) (2002), acessado em 10 de junho de 2013 apresentam-se alguns elementos sobre o interprete de língua de sinais em sala de que deve ser considerado.

\*Em qualquer sala de aula, o professor é a figura que tem autoridade absoluta.

\*Considerando as questões éticas, os intérpretes devem manter-se neutros e garantirem o direito dos alunos de manter as informações confidenciais.

\* Os intérpretes têm o direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantem a qualidade de sua atuação durante as aulas.



\*As aulas devem prever intervalos que garantem ao intérprete descansar, pois isso garantirá um melhor desempenho e evitará problemas de saúde para o intérprete.

Deve-se também considerar que o intérprete é apenas um dos elementos que garantirá a acessibilidade. Os alunos surdos participam das aulas visualmente e precisam de tempo para olhar para o intérprete, olhar para as anotações no quadro, olhar para os materiais que o professor estiver utilizando em aula.

Ainda se podem levantar outras dificuldades que surgem em relação aos intérpretes em sala de aula. Por exemplo, o fato dos intérpretes interagirem com os professores pode levar a um problema ético, pois é natural travar comentários a respeito dos alunos durante os intervalos. O código de ética prevê que o intérprete seja discreto e mantenha sigilo, não faça comentários, não compartilhe informações que atuação, não compartilhe informações que foram travadas durante sua atuação. Assim, o código de ética dessa especialidade deveria também prever que ao intérprete fosse permitido apenas fazer comentários específicos relacionados à linguagem da criança, à interpretação em si e ao processo de intervenção.

Outro aspecto a ser considerado na atuação do intérprete em sala de aula é o nível educacional. O intérprete de língua de sinais poderá estar atuando na educação infantil, na educação fundamental, no ensino médio, no nível universitário e no nível de pós-graduação. Obviamente que em cada nível deve-se considerar os diferentes fatores.

De acordo com (QUADRO, 2001)

Crianças têm dificuldades em compreender a função do intérprete puramente como uma pessoa mediadora da relação entre o professor e o aluno.

A criança surda tende a estabelecer o vínculo com quem dirige o olhar. No caso, o intérprete é aquele que estabelece essa relação. (p.64)

De modo geral, aos intérpretes de língua de sinais da área da educação é recomendado redirecionar os questionamentos e dúvidas dos alunos ao professor, pois desta forma o intérprete caracteriza o seu papel na mediação, mesmo quando este papel é alegado. Neste sentido o professor também precisa passar pelo processo de aprendizado de ter no

grupo um contexto diferenciado com a presença de alunos surdos e de intérpretes de língua de sinais. A adequação da forma de exposição por parte do professor são exemplos de aspectos a serem reconsiderados em sala de aula.

## 2. 2 FORMAÇÃO DE INTERPRETES DE LIBRAS NO MUNDO E NO BRASIL

Há diversos níveis para a formação de intérpretes de línguas de sinais brasileiras para o surdo no Brasil e no mundo. Desde o mais simples secundário até o mais alto que se estende a mestrado, encontramos profissionais cada dia mais procuram especializando-se na área e com isso tornando-se qualificados, pois o mercado de trabalho hoje é extenso e faltam profissionais qualificados já que antes tal profissão não era nem mesmo reconhecida quanto mais valorizada no passado. O interesse em formar tais profissionais surgiu a partir que os surdos despertaram a participar ativamente da comunidade em que estão introduzida.

Vale destacar que, enquanto os cidadãos surdos mantiveram-se “calados” e não se organizaram e buscaram seus direitos como cidadãos permanecerem como seres esquecidos pela sociedade e excluídos pelo sistema. A partir do momento em que resolverem tornarem-se ativos a sociedade e reivindicar seus direitos de cidadãos, e construir um grupo com identidade sócio-cultural política, o intérprete não se constitui enquanto profissional.

Para o reconhecimento do intérprete é preciso que os surdos participem da sociedade, como: nas escolas, faculdades, igrejas enfim de grupos sociais. De acordo com (QUADRO. 2007 p.51) “depende do nível de participação, a comunidade surda estará mais ou menos envolvida na formação dos intérpretes implicando no sucesso ou não dessa implementação”.

Em vários países vem como Finlândia, Suécia e Dinamarca vêm se observando alguns aspectos no desenvolvimento de intérpretes de línguas de sinais que precisam ser observados.

Segundo (HANSEN, 1991, p.51) foram apresentados os seguintes aspectos:

1. Aceitação da língua de sinais na sociedade e na educação dos surdos;
2. O direito das pessoas surdas a oportunidades sociais, educacionais e vocacionais como a maioria da sociedade;
3. a legislação do direito das pessoas surdas de terem disponíveis serviços de intérpretes gratuitamente;
4. o reconhecimento do intérprete da língua de sinais como um profissional qualificado com possibilidades de emprego e carreira;
5. a correspondência entre o número de intérpretes requeridos e a demanda;
6. o estabelecimento de curso de formação com treinamento e educação formal; e
7. as atitudes das pessoas surdas e ouvintes quanto a necessidade dos serviços de intérpretes.

Veremos como tal assunto vem sendo abordado na Europa.

Regularmente a formação acadêmica de intérprete envolve cursos em finais de tarde ou fins de semana onde a carga horária é pequena essas formações são oferecidas pelas associações de surdos. As formações são de curta duração (por volta de seis meses).

França, Dinamarca e Alemanha oferecem cursos de dois anos de duração. Tais países a formação está formalizada. Geralmente não exige domínio de línguas de sinais com pré-requisito para iniciar o curso.

O governo disponibiliza recursos para a formação de intérpretes de línguas de sinais nos países da Itália, Holanda, Inglaterra e Dinamarca, são países privilegiados ao contrário da Bélgica, da França, da Grécia, da Irlanda e da Espanha que não têm ajuda alguma do governo e não estímulos para formação de intérpretes mesmo havendo necessidade de tais profissionais.

Algumas habilidades e conhecimentos desenvolvidos nos cursos da:

Bélgica: Conhecimento de línguas de sinais e leitura labial; maior ênfase no significado da comunicação; conhecimento aguçado do mundo dos deficientes auditivos; conhecimento prévio sobre história, gramática, psicologia dentre outros.

Inglaterra: Perfeita fluência na BSL, primeiro no nível comunicativo e depois no nível de interpretação; e dever do intérprete de línguas de sinais utilizar a língua de sinais e não o inglês sinalizado; é dada a mesma orientação ao estudo de línguas envolvidas no processo

interpretação : o inglês e a BSL; sobre a especialização dos intérpretes (educação, medicina, recursos humanos , dentre outros); e a execução de interpretação de uma língua para a outra. As durações dos cursos são em tempo integral.

França: Requer-se um excelente conhecimento da FSL; domínio da língua falada, dos diferentes níveis e nuances; conhecimento prévio sobre a profissão de intérprete.

Alemanha: Domínio do código de ética; experiência de tradução e interpretação; psicologia do surdo; prática da língua de sinais e técnicas de interpretação. Destacando as seguintes propriedades: qualificação dos professores formação dos cursos de formação de intérpretes; elaboração de um currículo; qualificação dos alunos.

A formação de intérpretes na Finlândia vem se destacando a formação básica que é através de prestação de serviços de interpretação para deficientes auditivos, surdos-cegos e pessoas ensurdecidas na Finlândia tais cursos têm uma pequena carga horária estão oferecidos a população pela Associação de Surdos. Nos cursos são oferecidos os conteúdos de informação teórica sobre surdez, reabilitação e serviço sócias para surdos; sobre os princípios éticos da interpretação e sobre a língua de sinais e sobre os princípios éticos da interpretação e sobre a língua de sinais e como essa é usada na interpretação. Ao decorrer do curso, a interpretação é praticada e avaliada em pequenos grupos com a presença de intérpretes e instrutores de surdos.

Existe ainda da o curso de maior duração onde é trabalhada uma maior quantidade de conteúdos e requer maior dedicação do aluno que quer ser um futuro intérprete de línguas de sinais.

Destacando que as condições éticas e o Código do Profissional Intérprete são o mesmo para quaisquer tipos de intérprete, independente da modalidade do curso e do fato de ser surdo ou ouvinte.

Não existe formula secreta de como formar intérpretes; a formação dos intérpretes vem a através de um processo diário de reflexão e a avaliação trará a realidade essa formação. No Brasil principalmente os intérpretes precisam correr atrás de seus objetivos e não desistir, pois a profissão ainda não é bem valorizada e piso salarial é baixo. Não é levado em conta que o surdo depende dos intérpretes par se comunicar com o mundo ouvinte. Torna-se impossível a vida do surdo na sociedade sem o acompanhamento do intérprete. Diante de tantas

dificuldades para o profissional intérprete e tradutor de língua de sinais a procura de cursos para a formação de intérprete não é satisfatória, isso acaba prejudicando a comunidade surda.

### **3. PROCEDIMENTO METODOLOGICO DA PESQUISA**

Este estudo baseia-se na importância do papel que o professor da educação Infantil junto com o intérprete de LIBRAS, a direção e a família e como vem sendo desenvolvendo em sala de aula. O objetivo geral é pesquisar como está sendo a inclusão de crianças surdas nas escolas públicas na educação infantil na cidade do Conde e nossa amostra será voltada para a Escola Municipal José Albino Pimentel.

A escola foi contemplada com um projeto do MEC para formação de uma Sala de Recurso onde desenvolve atividades extras. A mesma recebe todos os alunos que estão na educação infantil, sejam alunos especiais ou não e desenvolve atividades diferenciadas como: aula de computação, aula de culinária, aula de pintura, de reciclagem e aulas dinâmicas para melhorar sua aprendizagem com jogos e outros recursos no horário oposto às suas aulas, onde tem assistência de uma professora com especialização na educação especial. Este trabalho

vem para complementar e estimular a aprendizagem dos alunos deficientes e tem por objetivo estimular a frequência nas aulas. Uma das normas do projeto é que só poderá participar dos atendimentos na Sala de Recurso os alunos que têm frequência assídua, pois de acordo com dados que a direção passou, a ausência é constante por vários motivos como: a dificuldade de transporte, a falta de estímulo da família e dos próprios alunos com deficiência. De acordo o capítulo V da LDB do art.58 e § 1º “Haverá, quando necessário, serviço de apoio especializado, na escola regular para atender às peculiaridades da clientela da educação especial”.

O projeto trouxe motivação à escolha do campo de pesquisa pelo fato de investigar como está sendo o trabalho de inclusão das crianças surdas nas escolas públicas que tem educação infantil do Conde e como anda o processo de ensino /aprendizagem. Sabendo que o trabalho do professor e do intérprete de Libras é de grande relevância para o desenvolvimento do processo de aprendizagem para as crianças que necessitam de apoio especial na sua formação.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram divididos em três momentos distintos, porém complementares. No primeiro momento a pesquisa bibliográfica, no segundo momento a observação e por último a análise de dados. A pesquisa tem caráter qualitativo.

A pesquisa qualitativa pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar as vivências de grupos sociais e assim possibilita um maior entendimento do comportamento dos indivíduos nos grupos onde estão inseridos.

De acordo com FERRARI (1974)

A pesquisa tem por finalidade tentar conhecer e explicar os fenômenos que ocorrem no mundo existencial, isto é, a forma como se processam as suas estruturas e funções as mudanças que provocam, e até que ponto podem ser controlados e orientados. Por isso que, de início, a pesquisa começa com interrogações. A finalidade da pesquisa não é só a acumulação de fatos, mas a sua compreensão o que se obtém desenvolvendo e lançando hipóteses precisas, que se manifestam sob a forma de questões ou de enunciados.”( p.171)

Segundo FERRARI (1974), a pesquisa tem por objetivo primordial buscar compreender, analisar, explicar os vários fenômenos existentes no universo. Por isso, a pesquisa começa sempre com a interrogação de um fato e precisa atender a necessidade de conhecer a natureza dos problemas ou fenômenos, pois pretende tratar que a pesquisa pode ser válida ou inválida, no que diz respeito às hipóteses lançadas sobre tais fenômenos.

Ou seja, Ferrari (1974) quis dizer que a pesquisa busca uma razão real, lógica e concreta, para se levantar questões e hipóteses, indo atrás das suas causas seus efeitos e quais as consequências futuras.

Esta pesquisa foi realizada através da investigação com uma professora, uma interprete de LIBRAS e uma mãe de uma criança surda. Procuramos investigar como é realizada a interação da criança surda com as atividades para facilitar a aprendizagem.

Trata-se de uma conversa oral entre dois objetivos, ou seja, a obtenção de informações importantes e de compreender pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O papel de ambos pode variar de acordo com o tipo de entrevista. Todas elas têm um as perspectivas e experiência das pessoas entrevistadas ( FERRARI, p. 278) .

A entrevista foi estruturada de modo, a saber, como as partes se relacionam, que segundo Marconi & Lakatos (2006) “quando o pesquisador segue um roteiro previamente estabelecimento as perguntas feitas ao individuo são predeterminadas” (p. 270).

A pesquisa de campo foi realizada no mês de julho de 2013, duração de um mês, no momento da pesquisa foram utilizados recursos como: o diário de campo, onde foram anotadas observações diárias feitas na escola, com o intuito conhecer a concepção e a estrutura da equipe que está diariamente com o aluno surdo e também como um instrumento de coleta de dados foi utilizado à entrevista semi-estruturada onde o entrevistado teve toda liberdade de expor sua opinião sem a intervenção do entrevistador também foi respeitado o tempo que foi oferecido pelo entrevistado.

De acordo com Triviños (1994, p. 146), “que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”

No campo de pesquisa me apresentei enquanto aluna do curso a distancia da Universidade Federal da Paraíba, que estava cumprindo com o último estágio do curso, a construção de uma pesquisa. Fui recebida pela diretora titular da escola por alguns minutos dialogamos sobre a pesquisa, lhe justifiquei a escolha do campo e o objetivo de tal estudo, como também sobre os objetivos. Agradei a oportunidade e iniciei a pesquisa de campo.

As observações foram feitas diariamente, possibilitando assim um maior entrosamento com os participantes da pesquisa e até mesmo com as crianças que estudam na escola no período das observações. Em conversa informal com a educadora e a intérprete também transmitir-lhes sobre os objetivos da pesquisa, seguindo as orientações de Trivinos, quando afirma: “O investigador ao mesmo tempo em que ajuda, deve apoiar o informante. Este, desde o começo, deverá ter a sensação de sua utilidade, de uma importância para as metas que se procura atingir” (1994, p.147).

### 3.1. CARACTERÍSTICAS DO CAMPO DE PESQUISA

A Escola Municipal José Albino Pimentel, está situada no Sítio Gurugi, s/n, pertencente ao município do Conde - PB. A escola fica na zona rural, fazendo parte de um conjunto de escolas que fazem parte da Secretaria de Educação do município apresentado.

A Escola recebeu o nome de origem em homenagem ao senhor José Albino Pimentel, proprietário das terras de Gurugi, mas o nome não foi escolhido pela comunidade e sim através da política, onde camponeses que ali habitavam resistiam à expropriação de suas terras e defendiam a suas permanências neste local, que antes pertencia ao Estado.

Os conflitos de Gurugi se transformaram num marco de lutas sangrentas dos camponeses pelo posse da terra que culminaram com mortes de líderes da comunidade. É neste local, que culminaram com mortes de líderes da comunidade. É neste contexto que a Escola se insere.



A mesma foi fundada em 1979, sendo governador do Estado Dr. Wilson Leite Braga; Secretário da Educação, professor José Jackson Carneiro de Carvalho e o Prefeito Municipal, Aluiz Vinagre Régis. Esta foi construída através de convênio (BIRD-SE-ME) Da Prefeitura Municipal.

Os professores e funcionários eram contratados em regime de representação de serviço ou pró-tempos. Reformada e ampliada na gestão da prefeita Arleide Azevedo, no ano de 2000.

Atualmente a Escola tem como administradora uma diretora titular e uma adjunta. Todas as contratações de diretores foram feitas por indicações políticas. A equipe técnico-pedagógica, docente, administrativa e de apoio da escola envolve em seu quadro funcional:

**TABELA 1**

<b>QUADRO FUNCIONAL</b>	
Diretor	01
Diretor-adjunto	01
Supervisor	01
Professores	11
Secretário	01
Auxiliar administrativo	01
Auxiliares de serviços	03
Intérprete de libras	02

Seu corpo docente, composto por 11 professores, tem sua formação acadêmica da seguinte forma: 6 com superior completo, 3 com superior incompleto e 2 nível médio, que está distribuídos entre as modalidades de ensino: Infantil e ensino fundamental I. A direção informou que a graduação dos profissionais é de pedagogia, alguns já têm pós-graduação em psicopedagoga e magistério do curso normal. Sobre o planejamento escolar o corpo docente

tem uma visão que ele é necessário e é uma atividade consciente e sistemática, em que o centro está à aprendizagem.

O planejamento escolar do campo de pesquisa acontece no início do ano letivo, onde é promovido encontros com todas as unidades escolares do município, que visa contextualizar o avanço e os pontos negativos do ano anterior ainda encontrar subsídios para que possa efetuar a prática com responsabilidade. A partir destas reflexões há conhecimento da realidade e condições existentes. Os encontros pedagógicos são realizados periodicamente a cada dois meses, ao final de cada semestre e tem com objetivos avaliar os pontos negativos e positivos e negativos.

O planejamento dos professores que tem em sala de aula alunos surdos é junto com os intérpretes e eles recebem o auxílio da professora da sala de recurso, onde desenvolvem estratégia que venham ajudar o desenvolvimento dos alunos surdos. Tal planejamento acontece mensalmente, os alunos são dispensados uma hora antes do horário para que o professor, o intérprete e a professora da sala de recurso iniciem e concluam o planejamento.

Em relação ao planejamento de curso é levado em conta a realidade da comunidade escola e realizada uma prévia sondagem para identificar o nível, as características do alunado e se há alunos com alguma deficiência. Não adianta enfeitar os planos e ficar apenas no papel. Para um professor ministrar uma boa aula faz-se necessário um bom planejamento, porém o plano é flexível e pode estar em contantes mudanças dependendo de cada turma.

A direção da escola relata com é realizado o plano de curso para salas que tem alunos surdos

O planejamento de curso para as séries que tem alunos surdos recebem maior atenção sendo sempre flexível, porém sem prejudicar a turma, pois muitas das vezes os surdos apresentam algumas dificuldades por não escutar mesmo com os intérpretes. A escola procura ser facilitador para que os alunos com deficiência auditiva terminem o ano letivo com sucesso alcançando os objetivos estabelecidos no plano de curso.( fala da direção)

Ainda foi exposto pela direção da escola o Planejamento de Unidade que é uma especificação maior do plano de curso. Nesta unidade pode envolver assuntos inter-relacionados, assim como incluir objetos, estratégias e avaliação de forma onde possa atender toda a clientela incluindo os alunos que apresentam alguma deficiência. Tal planejamento é dividido em três etapas: apresentação, desenvolvimento e integração.

O planejamento de aula é uma forma predominante de organização do processo de ensino. É nele que organizamos ou criamos as situações, isto é, as condições e meios necessários para que os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognitivas. O plano adotado pela escola contém (conteúdo, estratégia, objetivo e avaliação). De acordo com a direção titular da instituição escolar “o planejamento evita a rotina e a improvisação contribuindo para a realização dos objetivos, promove a eficiência do ensino e garante mais segurança do conteúdo”.

Também foi repassado o sistema de avaliação. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho, escolar tanto do professor, como dos alunos. Ela deve ser compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica.

A Escola José Albino Pimentel adotou em sua prática, processo contínuo dos aspectos quantitativos e qualitativos do conhecimento construído pelo aluno, onde a mesma possibilidade conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa da aprendizagem que o professor tem em determinado momento da escolaridade. Há uma expectativa da escola de abolir as provas, pois as mesmas só têm como função, em sua maioria, a de punir o aluno. O corpo docente participa de estudos dos PCNs em ação. A direção titular afirma que “O sistema nos pressiona a avaliar nossos alunos através de provas que irão gerar notas e nota não mede o conhecimento das nossas crianças” (Fala da direção da escola). Há concepção sobre avaliação vem mudando pouco a pouco teremos mudanças que será satisfatória para os alunos da rede pública incluindo os alunos especiais que também passam pelo processo da prova claro que de acordo com suas limitações. O corpo docente é orientado a avaliar os alunos utilizando diversas formas como: debates, participação, opinião, seminários dentre outras motivações para que o aluno sinta-se à vontade para expor seus pensamentos.

Os alunos surdos são avaliados assim como os ouvintes eles participam de debates expondo sua opinião sempre com ajuda dos intérpretes, através dos trabalhos em equipe, as avaliações bimestrais são elaboradas pela professora titular da sala e da sala de recurso.

A Escola Municipal José Albino Pimentel participa do Programa Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE). Com este programa, melhorou o processo de ensino-aprendizagem; aperfeiçoou a gestão da Escola; fortaleceu a participação dos pais nas atividades inclusive a família do aluno especial o índice de reprovação teve queda.

considerável. O projeto beneficia na compra de materiais didáticos e eletrônicos específicos para trabalhar com alunos surdos. A utilização dos materiais adquirido através do projeto os alunos surdos sentem mais facilidades para aprender e isso motiva a serem alunos assíduos.

São elaboradas ações, onde todos participam, visando o interesse comum, garantindo uma nova escola reconhecida pela união, onde a igualdade será preservada, respeitando-se a criatividade de todos. A escola elaborou um projeto para oferecer aulas de Língua de Sinais para a comunidade escolar, o mesmo esta em analise pela Secretaria da Educação do município do Conde. Tal projeto tem como objetivo conscientizar a comunidade da importância da comunicação com os surdos e isso irá facilitar a vida dos deficientes auditivos.

JARDIM. I	25 ALUNOS
JARDIM II	20 ALUNOS
1º ANO A	25 ALUNOS

A escola no ano de 2013, esta oferecendo educação Infantil e fundamental I, comportando A Educação Infantil – turmas do jardim I e jardim II, o Fundamental é de 1º ao 5º ano. A escola funciona nos turnos manhã e tarde.

Em funcionamento a escola citada trabalha da seguinte maneira:

## **TABELA – 2**

### **CARACTERISTICAS DAS TURMAS**

1º ANO B	26 ALUNOS
2º ANO A	27 ALUNOS
2º ANO B	27 ALUNOS
3ºANO A	29 ALUNOS
3º ANO B	26 ALUNOS
4 ºANO A	28 ALUNOS
4º ANO B	25 ALUNOS
4º ANO C	27 ALUNOS
5º ANO A	30 ALUNOS
5 ºANO B	31 ALUNOS

No aspecto socioeconômico e cultural da escola. A mesma atende uma clientela da própria comunidade. Alguns são filhos de agricultores que após muitas lutas, obtiveram a posse da terra. Outros têm pais que exercem profissões de doméstica, auxiliares de serviços gerais e pedreiro quando não está no tempo de safra.

A maioria do corpo discente é descendente de índios e negros que residem em agrovilas e pequenas propriedades cultivando suas terras onde tiram boa parte de sua alimentação. O índice de violência é baixo. Na comunidade prevalece o catolicismo, embora tenha um pequeno número de adeptos da religião evangélica.

Foi constatado no ato das matrículas e convivência com a família, que a maioria dos pais são analfabetos. Alguns estão cursando a Educação de Jovens e Adultos no intuito de serem alfabetizados. Destacando ainda, que a comunidade não tem planejamento familiar, pois o número de filhos está em torno de 03 a 07 filhos por família. Alunos da escola fazem parte do Peti (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

No horário oposto ao da aula participam de atividades de reforço escolar e tem alimentação garantida, também dispomos da Sala de Recurso para atendimentos aos alunos com alguma deficiência no horário oposta a aula.

A escola está estruturada de acordo com a tabela 3

**TABELA - 3**

<b>SALAS-AMBIENTE</b>	
<b>SALAS</b>	<b>QUANTIDADES</b>
<b>Salas de aula</b>	<b>06</b>
<b>Sala de leitura</b>	<b>01</b>
<b>Banheiro</b>	<b>06</b>
<b>Sala de professores</b>	<b>01</b>
<b>Sala de direção</b>	<b>01</b>
<b>Almoxarifado</b>	<b>01</b>
<b>Cozinheira</b>	<b>01</b>
<b>Dispensa</b>	<b>01</b>
<b>Pátio</b>	<b>01</b>

<b>Sala de recurso</b>	01
------------------------	----

Dentre estes itens que foram citados na tabela 3, verifiquei que as salas de aula estão em razoável estado de conservação. A sala de leitura e o pátio de recreação estão um pouco precário estado de conservação. A sala dos professores está em bom estado de conservação. A cozinha e a dispensa têm sua conservação, limpeza arejamento e iluminação um razoável estado, enquanto que o almoxarifado está precário estado de conservação junto com os banheiros femininos e masculinos, não há banheiros para professores. A sala da direção é dividida com a secretaria.

A escola em questão conta com os seguintes recursos didáticos:

**TABELA 4**

<b>RECURSO MATERIAIS</b>	
<b>MATERIAIS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<b>Televisão</b>	<b>01</b>
<b>Caixa de som</b>	<b>01</b>
<b>Vídeo</b>	<b>01</b>
<b>Mimeógrafo</b>	<b>01</b>
<b>Aparelho de som</b>	<b>01</b>
<b>Microcomputador</b>	<b>01</b>

Os recursos citados na tabela 4 são utilizados com frequência e estão em bom estado de conservação.

### 3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O campo de pesquisa (o campo de pesquisa é a escola, a professora, a mãe e o aluno são sujeitos da pesquisa) envolve uma professora, um intérprete e uma mãe de um aluno surdo da escola municipal José albino Pimentel no turno da tarde da Educação Infantil. A pesquisa foi realiza em caráter de entrevista utilizando um roteiro/questionário (Apêndice), contendo cinco questões.

A primeira entrevista é graduada em pedagogia e trabalha com crianças surdas há nove anos e concluiu sua graduação no ano de 2008 em uma faculdade particular, a mesma sempre participa de fóruns e cursos, cujos temas estejam ligados a Educação Especial.

A professora foi questionada se concordava com a inclusão no geral. Rapidamente expôs sua opinião dizendo que a inclusão acontecerá gradativamente, não adianta encher as escolas seculares de crianças deficientes se a mesma não tem profissionais qualificados para fazer parte da inclusão. “O governo joga alunos com deficiências nas escolas e diz que isso é inclusão” (fala da professora). Nossa conversa continuou e ainda muito indignada com o sistema, pois tem uma aluna surda em sala e deixa bem claro que a aluna precisa ser acompanhada, pois não sabe LIBRAS e quando a intérprete por algum motivo falta fica difícil para a criança surda assistir a aula. A entrevista continuou e a mesma esclareceu que a sociabilizarão dos ouvintes com a criança surda é normal, não há preconceito pelo contrário eles respeitam sua deficiência mesmo sem entender bem o que significa.

A educadora fica emocionada ao relatar uma situação que aconteceu em sala com a aluna surda. Relata:

Um dia estava bem estressada, sabe quando tudo que faz dar errado, quando cheguei em sala a primeira a me abraçar bem forte foi ela e em seguida desenhou um coração e pintou de rosa. Fiquei muito emocionada com tal ação, depois que



conhecer essa a aluna comecei a ver o mundo diferente , pois em meio a tantas dificuldades não desanima (Fala da professora).

A segundo entrevistada tem o curso de intérprete e tradutora de língua de Sinais-LIBRAS que concluiu na FUNAD, é graduada em pedagogia e está exercendo a profissão de intérprete há 6 anos e 2 meses, a mesma já lecionou por quatro anos, mas atualmente está em sala como intérprete.

A intérprete deu sua opinião de forma bem clara, pois sabe da dificuldade que as crianças surdas passam em meio à sociedade como também na comunidade escolas muitas escolas esperam até meses para que a secretária agilize para mandar intérpretes para as escolas. Com a demora a criança é bastante prejudicada no processo de ensino-aprendizagem.

A entrevistada foi questionada sobre o papel do intérprete no ambiente escolar. Sem dificuldade alguma a mesma respondeu que o intérprete tem o dever de interpretar o que os professores falam ou qualquer ouvinte, não pode haver alterações em qualquer palavra o intérprete dever ser ético. “O surdo deve ter confiança no intérprete e o interprete respeitar e ser discreto” (Fala do intérprete). A fala da intérprete é de acordo com o que rege a (RDI-Registro dos Intérpretes para Surdos capítulo1 – 1965).

Art. 1º São deveres fundamentais do intérprete:

1º. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente. E de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidentes e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas ele.

O intérprete deixou esclarecido que o profissional deve se manter discreto e capacitado, pois assim como um professor não é interessante ficar acomodado e sim está sempre procurando se atualizar.

A terceira entrevistada foi a mãe da aluna surda, a mesma declarou que foi mãe bem cedo aos 17 anos e sua filha tem 5 anos e para a mãe foi muito complicado ter uma filha com uma deficiência, ela só veio notar ao seis meses quando falava com a menina e a criança não esboçava nenhuma atitude, quando foi a pediatra que a encaminhou para um fonoaudiólogo e ai veio o diagnóstico. Após o diagnóstico a mãe declara que “foi uma queda, meu mundo acabou” (Fala da mãe da aluna surda). A mãe da aluna surda expôs seus medos e receios com a deficiência da filha a mesma pensa no futuro e suas dificuldades.

Ao conversar sobre o convívio da criança com a família a aluna é filha única é muito mimada e super protegida pelos pais e também pelo fato da surdez. Ela e seu esposo usavam gestos caseiros com a filha, aí veio à intervenção da escola para os pais estimularem a filha a querer aprender a língua de sinais- LIBRAS assim iriam facilitar a vida da filha na sociedade. A entrevistada afirmou que ela e seu esposo que estão iniciando o curso que será oferecido pela rede pública do Conde. A mesma destaca a importância da escola e de todos não apenas na vida escolar da filha, mas como na formação de uma cidadã.

A partir das respostas dadas pude verificar que a professora e também a intérprete sente a necessidade de melhores condições de trabalho e também do respeito dos governantes para com os alunos especiais. A mãe com todas suas dúvidas e cheia de receios busca na escola um porto seguro, para melhorar a vida da sua filha.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído com o objetivo de analisar como esta sendo a inclusão de crianças surdas na Educação Infantil na rede pública, a partir da observação e entrevistas envolvendo dois membros do corpo docente uma intérprete e uma professora, e também uma mãe de uma aluna surda.

Como educadora já conhecia a atuação em escolas com crianças ouvintes, meu desejo era conhecer como é atuação dos professores e intérpretes de línguas de sinais-LIBRAS no universo da inclusão escolar as dificuldades e a realidade de ter alunos surdos em sala de aula. Terminada a pesquisa, chego a considerações que podem não ser finais.

Analizando a atuação da professora e da intérprete, percebe que no dia a dia, elas travam uma luta com as barreiras existentes, como por exemplo, motivar a criança surda a frequentarem a aulas e não sentir-se um ser estranho em meio a comunidade escolar que se julgar diferente dela. Mais uma batalha a ser vencida é a falta de estímulo do governo para com os profissionais que atuam na área da educação inclusiva, pois não basta criar projetos maravilhosos para a inclusão se não há qualificação para a escola receber tal clientela.

Como agradecimento a professora e a intérprete por ter aberto as portas de sua sala de aula para que eu viesse realizar minha pesquisa entregue o Poema “Ser professor” que foi retirado site [Biblio.com. br](http://Biblio.com.br) ( ver em anexo)

Ao longo deste estudo pude aprender muitas coisas importantes a minha prática diária como educadora, procurei identificar como o professor está agindo para fazer com que a construção de ser cidadão pleno respeitando a todos não importando sua classe social ou suas limitações, onde na verdade todos têm limitações. Observei a determinação do interprete em tentar ajudar a sua aluna surda estimulando-a em seu convívio escolar.

Finalizo a presente pesquisa com algumas palavras de Paulo Freire “Toda prática formativa tem como objetivo ir além de onde se está... É exatamente essa possibilidade que a prática educativa tem; a de mover-se até. É isso que a gente chama de educação.”

E em relação ao tema escolhido e pesquisado sobre minhas certezas e incertezas, dúvidas e questionamentos me trazem a memória um trecho da música de Ivan Lins e Victor Martins.

Daquilo que eu sei

Nem tudo me deu clareza

Nem tudo foi permitido

Nem tudo me deu certeza

Daquilo que eu sei

Nem tudo foi proibido

Nem tudo me foi possível

Nem tudo foi concebido

Não fechei os olhos

Não tapei os ouvidos

Chorei, toquei, provei

Ah! Eu usei todos os sentidos

(Ivan Lins e Victor Martins)

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Eulália. **Problemas Linguísticos e cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro. Agir,2003

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da Ciência**, 2ª edição, 1974 Rio de Janeiro, RJ.

FORESTER, R.**Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Linguas de Sinais**, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9ª edição, 1972, Rio de Janeiro, RJ.

GESSER,A.**Libras?Que língua e é essa? Crenças preconceitos em torno da língua de sinais da realidade surda**.São Paulo: Parábola Editora,2006.

GÓES , Maria Cecília .Rafael .**Linguagem, Surdez e Educação**. Editora Autores Associados. Campinas2002

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação**

**Parâmetro dos Currículos Nacionais; Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Ministerio da Educação**

QUADRO,R .de ESTUDO DE Surdos, I, II,III e IV. **Séries Pesquisas. Petrópolis**. Ed. Arara Azul, 2008.

QUADROS,R.de. **Educação de Surdo: A Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Arte Medicas,1997.

RODRIGUERO, C.R.B. **O desenvolvimento da linguagem e da educação do surdo**. Psicol.estud.,2000, vol.5.

SOUZA, R.M.. **Que palavra que te falta? : Linguística, educação e surdez**. São Paulo

TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. **Questões preliminares básicas. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Editora Atlas, 1994, São Paulo, SP.

VYGOTSKY, L.L. **A formação social da mente**. 4 ed.São Paulo: Martins Fontes,1993

Disponive: <http://pgletras.urjr.br/linguistica/textos/livro02/> LTAA02 a 19. Pdf.

Acesso em : 17.07.13 às 14:30

### **Declaração de Salamanca**

**Decreto nº 7.611 de 17 de Novembro de 2011**

**Decreto nº 12.319, de 1º de Setembro de 2011**

### **SITES**

<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Ato2011-2010/2001/Decreto/D7611.htm> acessado em

Acesso em: 19. 07. 13 às 22:35

<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Ato2007-2010/2010/Lei /L12319.htm>

Acessado em:

<http://www.bilibio.com.br/poema/489/Ser+Professor.html>

Acesso em : 15.07.13 às 01:34

<http://metodologiae1.pbworks.com/w/page/20817063/Objetivos%20e%20tipos%20de%20Entrevista>

Acessado em 21. 07. 2013 às 14:30

# **Apêndice**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA**

**A entrevistada é graduada em pedagogia e tem 30 anos e é do sexo feminino**

**1º Em quanto professora você concorda com a inclusão ou fica a desejar?**

**2º Como você avalia seu aluno surdo na interação com os ouvintes?**

**3º Como você se avalia sendo professora de surdo?**

**4º Você sabe libras?**

**5º Você tem uma lição para relatar sobre sua aluna surda?**



## **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A INTÉRPRETE DE LIBRAS**

**A entrevistada é graduada em pedagogia e tem o curso de intérprete de línguas de sinais-LIBRAS tem 32 anos e é do sexo feminino**

**1º Qual é o papel do intérprete no ambiente escolar?**

**2º Qual é a relação de intérprete e surdo?**

**3º qual é a relação do intérprete com a escola?**

**4º sobre a inclusão escolar o que mudou?**

**5º O intérprete deve ser um pesquisador em relação aos alunos surdos, ou esse não seria seu papel?**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A MÃE DE UMA ALUNA SURDA**

**A mãe concluiu o ensino médio e tem 22 anos**

**1º Como é a interação da família tendo uma filha surda?**

**2º Todos na casa sabem libras?**

**3º Como você descobriu que sua filha era surda?**

**4º Qual foi sua reação?**

**5º Para você sua filha está preparada para enfrentar o mundo, pelo simples fato de ser surda?**

# ANEXOS

Ser professor é...

Construir castelos,  
Mas só castelos mágicos, belos e graciosos.  
Mas castelos fortes, com bases firmes.  
Capazes de resistir ao tempo, às tempestades...  
Às guerras e aos conflitos

E ser capaz de enxergar longe.  
Ver além do que possa imaginar.  
É sentir e esperar sempre...  
Que tudo embora não seja perfeito.  
Transformasse em coisas belas.  
Significantes e edificantes.

Ser professor é alcançar sonhos.  
Realizar desejos e mostrar caminhos.  
Partilhar alegrias...  
Conviver com a tristeza.  
Transformar planos em realidades.

É ver nas estrelinhas.  
Buscar o que este lá no fundo guardado.  
Traçando, acanhado e transformá-lo.  
Em grandes conquistas e realizações.

O professor semeia e conquista um mundo...  
De magia, beleza, sonhos e conhecimentos.